



SENTIDOS DA INFORMAÇÃO E DA CULTURA

Eugênio Bucci

Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, Brasil. Professor da Universidade de São Paulo, Brasil.

E-mail: eugenioBUCCI@uol.com.br

Dados bibliográficos da obra resenhada:



SUAIDEN, E. J.; LEITE, Cecília. **Cultura da informação: os valores na construção do conhecimento**. Curitiba: Editora CRV, 2016. 180 p.

Entre as notícias alentadoras que extraímos da leitura desse novo livro do professor Emir Suaiden, aqui em parceria com Cecília Leite, *Cultura da Informação*, está o fortalecimento da ideia de que o conceito de informação não pode se desvincular do *sentido* da informação. O termo “sentido”, no caso presente, inclui o *significado*, em termos estritamente semânticos, assim como inclui o *contexto*, a direção desse significado na cultura, e, por fim, inclui ainda a acepção mais ampla da palavra “sentido” no fluxo da história (ou da História, com H maiúsculo, como alguns parecem preferir). Trata-se de uma notícia alentadora porque, não raramente, o universo da chamada Ciência da Informação tende a abrigar correntes para as quais o aspecto semântico não é mais que uma irrelevância – numa postura que é compreensível em termos estritamente científicos, mas que, sem prejuízo disso, abre indagações de natureza ética das quais não deveríamos nos descuidar. Aprofundaremos esse ponto logo mais, ao final deste texto.

Antes disso, vale apresentar, em linhas gerais, uma visão de conjunto do livro aqui resenhado. Do que vem tratar a obra *Cultura da Informação: os valores na construção do conhecimento*? A resposta pode ser direta: por meio desse trabalho, os autores pleiteiam a consideração de uma categoria que nomeiam como “infocultura”. Para tanto, partem da premissa de que “a informação só se realiza no trinômio cultura, comunidade e experiência do sujeito” (p. 15). Eles prosseguem, alertando que a informação, quando não tomada nesse trinômio, “não passa de um dado” – e, como sabemos, um dado não é necessariamente uma informação ou, em outras palavras, um dado que não seja dotado de sentido não informa nada a ninguém. Para Emir Suaiden e Cecília Leite, esse fundamento se assenta como postulado irrecorrível: dado sem sentido não pode ser chamado de informação.

Quando lançam mão do termo “cultura”, os autores evocam referências abertas. Para eles, os “valores e saberes que constituem a cultura – o sentir, o pensar e o agir dos indivíduos – compõem uma sociedade de maneira holística”. Esse entendimento de cultura, quando projetado para o âmbito de uma comunidade, supõe as interações pessoais e a proximidade até mesmo espacial e física – daí o contraste entre os conceitos de comunidade e de sociedade comumente aceitos: enquanto a comunidade pende mais para o vivencial, a sociedade se inclina para o contratual. A “experiência”, tal como invocada no livro em exame, vincula-se, portanto, direta e indissolavelmente à comunidade, sede necessária da experiência do sujeito.

A partir daí, o livro propõe o conceito de “infocultura”. Outra vez, não se trata de um conceito fechado e, desde já, não se trata de um conceito já esgotado, resolvido à exaustão. Digamos que a palavra “infocultura” deve ser assimilada como um termo aberto. Os autores começam a apresenta-lo por meio de uma metáfora: a infocultura seria entendida “como uma célula com código e carga informacional que contém o gene do conhecimento” (p. 16). Nessa trilha – bastante criativa, por sinal –, a noção de infocultura ergue uma ponte sobre o abismo que convencionalmente se aceita entre a ilha da informação e o continente do conhecimento.

Outra vez, a dimensão “holística” imprime sua marca no encadeamento dos argumentos dos dois autores. O esforço de compreensão que eles realizam tende a sobrevoar muros, fissuras e separações entre áreas de estudos que se separaram mais em consequência de aspectos administrativos da pesquisa acadêmica do que por força de seus objetos específicos. Eis aí outra boa empreitada. Quanto a isso, trabalho de Emir Suaiden – não apenas nesse livro, mas visto num arco temporal de maior envergadura – vem investindo energias preciosas em divisar o todo, bem além dos domínios já definidos por territórios de conforto intelectual.

Estamos diante, também por isso, de uma obra que corre seus riscos e não se preocupa em escondê-los. De um certo ponto de vista, tais riscos revitalizam o livro que, com esse espírito, logo passará a propor uma articulação necessária entre informação, cultura, comunicação e mesmo a tecnologia, alegando que essas dimensões não têm significado como “entidades isoladas”, mas somente poderiam ser entendidas como “interconexões”. Difícil encontrar, nas bibliografias recentes, uma proposta tão desafiadora.

Munidos do conceito de infocultura, os dois estudiosos se põem então a refletir sobre o advento das tecnologias digitais, demonstrando de que modo essa articulação de múltiplas esferas e múltiplas dimensões favorecem a análise da informação e da cultura na era da internet, assim como se dedicam a recolocar os parâmetros para a compreensão da própria história da cultura, vista pelo prisma da informação e do conhecimento. Particularmente revelador do caráter desse estudo é o capítulo que trata da “mitologia na espiral histórica”. O resultado consegue se traduzir em provocações e formulações pertinentes e férteis, que demandam, como em todo trajeto de risco, desenvolvimentos e refinamentos futuros. Que venham logo.

Edgar Morin desponta como uma referência teórica – e, mais ainda, talvez, como fonte inspiradora – numa constelação de autores que não se amoldam a paradigmas rígidos e buscam um saber menos compartimentado para dar conta dos fenômenos que também não são compartimentados. Essa filiação filosófica vai contribuir, também, para uma prosa acadêmica não acomodada, que busca sintonias pouco ortodoxas com inquietações contemporâneas.

A obra *Cultura da Informação: os valores na construção do conhecimento*, por esses percursos, logra firmar, com boa dose de segurança, premissas e pontos de apoio para empreender voos analíticos que desaguarão – em boa medida, mas não só nisso – em diretrizes para o entendimento e para a gestão das bibliotecas, como seria de esperar em se tratando desses dois autores. No capítulo “A Biblioteca: o tecido cultural que o livro criou”, que seguramente será de enorme interesse para os estudiosos da biblioteconomia e para o

ensino dessa matéria, somos brindados com uma história concentrada dessa instituição, desde os acervos religiosos, para poucos, passando pelo Renascimento e pelo Iluminismo, até os nossos dias de incertezas. É um ponto alto.

Dito isso, podemos finalmente voltar ao ponto inicial desta breve resenha: a questão semântica, a questão do sentido e do significado na informação. Em momento algum, escapa aos autores que o sentido da informação não é um aspecto irrisório; não escapa a eles que o sentido da informação implica responsabilidades aos gestores ou administradores da informação, em seus muitos níveis.

A ideia de que um dado sem sentido não é informação não é, por certo, uma ideia nova. Ela nos acompanha há um bom tempo. Nos tempos recentes, poderíamos recorrer ao jornalista Richard Saul Wurman, criador dos guias Access e especialista consagrado em apurar, editar e vender informações jornalísticas. Wurman diz que

a grande era da informação é, na verdade, uma explosão da não-informação – uma explosão de dados. Para enfrentar a crescente avalanche dos dados, é imperativo fazer a distinção entre dados e informação. Informação deve ser aquilo que leva à compreensão. Cada um precisa dispor de uma medida pessoal para definir a palavra. O que constitui informação para uma pessoa pode não passar de dados para uma outra. Se não faz sentido para você, a denominação de informação não se aplica. No tratado “The Mathematical Theory of Communication” (“A teoria matemática da comunicação”), publicado em 1949, e que constitui um marco no assunto, Claude Shannon e Warren Weaver definem a informação como aquilo que reduz a incerteza (WURMAN, 1991, p. 43).

Ao mencionar a Teoria Matemática da Comunicação, Wurman faz referência óbvia a Claude Shannon, que, em 1948, publicou um artigo científico, “The Mathematical Theory of Communication” (“A teoria matemática da comunicação”) e, no ano seguinte, em 1949, escreveu, em parceria com o também matemático Warren Weaver, um livro com o mesmo nome. Nessa obra seminal e bastante festejada (com justiça), os dois cientistas apresentam um conceito de informação que mudaria o mundo. Fora isso, eles deixam bem claro que, para o conceito de informação que propõem, a questão do sentido que a informação possa transportar simplesmente não importa.

A palavra informação, nesta teoria, é usada em um sentido especial que não deve ser confundido com seu uso comum. Em particular, a informação não deve ser confundida com o significado. (...) Na verdade, duas mensagens, uma das quais é fortemente carregada de significado e a outra apenas absurda, podem ser exatamente equivalentes, do ponto de vista aqui adotado, no que diz respeito à informação. É isso, sem dúvida, que Shannon [*aqui os autores se referem ao artigo científico original, publicado anteriormente por Shannon*] quer dizer quando ele diz que ‘os aspectos semânticos da comunicação são irrelevantes para os aspectos de engenharia’. Mas isso não significa que os aspectos de engenharia são necessariamente irrelevantes para os aspectos semânticos (SHANNON; WEAVER, 1964, p. 8, tradução livre).¹

¹ No original: “The word information, in this theory, is used in a special sense that must not be confused with its ordinary usage. In particular, information must not be confused with meaning. (...) In fact, two messages, one of which is heavily loaded with meaning and the other of which is pure nonsense, can be exactly equivalent, from the present viewpoint, as regards information. It is this, undoubtedly, that Shannon means when he says that ‘the semantic aspects of communication are irrelevant to the

Temos aí um problema gigantesco. Não fosse a teoria de Shannon e de Weaver, a indústria da computação não teria se transformado no que se transformou. Os sistemas de arquivamento e busca de dados não teriam chegado aonde chegaram. A noção de que a unidade indivisível da informação é o *bit* (o dígito binário, que só pode ser 0 ou 1) não teria promovido a revolução que promoveu. Sem esses achados e esses constructos iniciais, não estaria por aí o Big Data, não estariam aí as redes sociais, a inteligência artificial e os circuitos complexos que amparam projetos enormes de bibliotecas virtuais de tantos tipos.

Hoje, todos sabemos: sem o conceito matemático da informação, para o qual a semântica não importa em nada, não o ciberespaço, enfim, não teria sido construído. A pergunta que fica é: será que esse mesmo conceito, tão bom para fabricar chips e nuvens carregadas de terabytes, será suficiente para construir a democracia, o compartilhamento do conhecimento, a cultura da paz e a justiça social? Pode haver informação desplugada da ética?

É diante dessa ordem de interrogações que *Cultura da Informação: os valores na construção do conhecimento*, de Emir José Suaiden e Cecília Leite, traz até nós notícias alentadoras. Em tempos de pós-verdade e de epidemias de *fake news*, a clareza de que a informação não apenas há de ter sentido como, mais ainda, atua na *produção de sentido* é uma luz no caminho.

A difusão das mentiras pelas redes – e pelos sistemas de busca de informação – não é apenas um problema da política ou da imprensa. É, antes, um problema das sociedades democráticas e, de modo especial, é um problema dos sistemas de bibliotecas, dos bancos de dados e dos serviços de acesso à informação. A responsabilidade pela qualidade da informação se apresenta como responsabilidade ética e técnica de todos, absolutamente todos, os profissionais, professores e estudantes desse campo vasto. O entendimento matemático da comunicação tem enorme valor científico, por certo, mas não pode mais ser entendido com suficiente para o valor humano que deve estar embarcado na ciência a que nos referimos aqui. Por isso, também, a maneira de olhar sugerida em *Cultura da Informação: os valores na construção do conhecimento* tem valor e merece uma boa acolhida na dimensão da ética da informação.

REFERÊNCIAS

SHANNON, Claude E.; WEAVER, Warren. **The mathematical Theory of Communication**. The University of Illinois Press. Urbana, 1964.

WURMAN, Richard. **Ansiedade de informação: como transformar informação em compreensão**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1991.

Resenha recebida em 09/07/2017 e aceita para publicação em 09/11/2017

engineering aspects.’ But this does not mean that the engineering aspects are necessarily irrelevant to the semantic aspects.”